SERMAM
EM UN DESEMPENHO VOTIVO
AO
SANTISSIMO
SACRAMENTO,
EXTANDO EXPOSTO

PREGADO

NO MOSTEYRO DE SANTA CLARA de Villa-Real.

PELO P. Fr. MANOEL DE S. JOSEPH
Prègador gèral, & Presentado em Santa Theologia, da Ordem dos Prègadores.

LISBOA OCCIDENTAL,

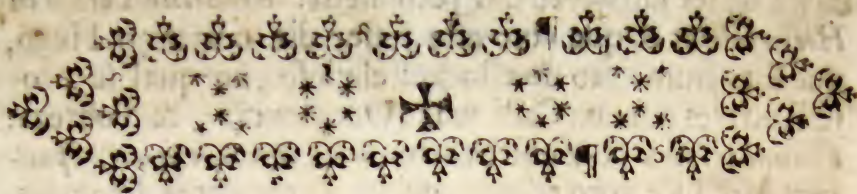
Na Officina de PASCOAL DA SILVA, Impressor de Sua Magestade.

M.DCCXXV.

SERMAM
EM UM DESEMPENHO VOTIVO
AO
SANTISSIMO
SACRAMENTO.
EXTANDO EXPOSTO
PREGADO
NO MOSTEYRO DE SANTA CLARA
de Villa-Real.

PELO P. Fr. MANOEL DE S. JOSEPH
Prégador géral, & Presentado em
Santa Theologia da Ordem
dos Prégadores.

LISBOA OCCIDENTAL,
Na Officina de PASCOAL DA SYLVA,
Impressor de Sua Magestade.

M.DCC. [illegible]

In me manet, & ego in illo. Ioan. 6. cap.

SENDO os Panegyricos todos ordenados a louvar virtudes, & manifestar actos heroicos, (Senhor) alguns ha pelas suas circunstancias taõ subidos, que nas admiraçóes do silencio sò podem ser expressados, porque ha materias taõ elevadas, que as mesmas explicaçóes as deyxão mais offendidas, por se naõ ajustarem as excellencias da sua grandeza cõ as mensuras da Rhetorica. Confessou esta verdade aquelle que no mundo se teve por mais elegante, & mais sciente: *Super omnes docentes me intellexi*, porque em certa occasiaõ disse, que o silencio mais profundo, era o Panegyrico mais ajustado: *Te decet hymnus Deus in Sion*: outra letra: *Tibi ò Deos silentium laus in Siõn.* Como he possivel isto? Se o louvor havia de ser hum hymno cantado, como diz que ha de ser hum hymno mudo? *Silentium.* A' vista desta contrariedade, eu me persuàdo, a que David se devia de ver então, com o assumpto com que eu me vejo hoje. Senaõ vamolo contemplando, que claramente o iremos vendo. Era o empenho de David nesta occasiaõ hũa acçaõ de graças, as quaes (diz o meu Hugo no commento deste Psalmo) que a Deos as devem render, aquelles que tendo feyto algũa retirada, lhes deu o mesmo Senhor auxilio para tornar à voltar: *Illis quibus Deus dedit gratiam redeundi, debent ei gratias referre, & hymnos reddere.* Era a causa desta acçaõ de graças hum voto: *Tibi reddetur votum*, que sendo feyto em Siaõ,

Psalm. 64.

hi-

havia de ser satisfeyto em Jerusalem: *Reddetur votum in Hierusalem*; & que voto este fosse, diz o mesmo Hugo; que fora hum voto do estado Religioso, no qual se professaon tres cousas, Castidade, Obediencia, & Pobreza: *Votum triplex* (diz elle) *continentiæ, obedientiæ, & paupertatis*. Este voto triplex, ou estes tres votos solemnes, adverte o mesmo David, os tinha feyto hum Beato, que Deos para Religioso tinha escolhido; & queria perseverasse nos claustros: *Beatus quem elegisti, & assumpsisti, habitabit in atrijs tuis*: porèm o mesmo Hugo me dà fundamento para dizer, que o sugeyto escolhido, era Beata, & não Beato, porque diz que Deos o escolhera como Rosa entre as espinhas: (o que em texto expresso so se acha dito da Esposâ) *Sicut lilium inter spinas, sic amica mea inter filias*, & acrescenta Hugo que este tal sugeyto na Religião havia de perseverar, inculcando alguma tentaçaon, que poderia ter para sahir: ouçaõn as palavras: *Beatus quem elegisti sicut lilium inter spinas ad intrandum claustrum, perseverabit in religione*. Era finalmente esta acçaõ de graças, ou esta festa promettida aquelle Senhor Sacramentado, porque em Siaõ havia de ser o applauso festivo, & sabido he, que em Siaon se deu aquelle Senhor Sacramentado: *Te decet hymnus Deus in Sion, in Sion perfecit mysteria nimirum sui corporis, & sanguinis*, (diz hum Moderno.) O que supposto, digaõ-me agora todos, se he este, ou naon he o meu assumpto. Naon sabem nesta Villa todos, que Dona Leonor de Tavora achando-se Noviça neste Religiosissimo Mosteyro, esteve com a resoluçaon de deyxar o habito, & que tendo jà dado alguns passos para sahir para fora, aquelle mesmo Senhor (com muyto leve motivo) â fez tornar para dentro, & caminhando para aquelle coro, começou a render as graças aquelle Senhor Sacramentado, votandolhe este applauso festivo, se elle, asim como lhe concedeo a graça de se tornar a recolher, lhe concedesse tambem a de professar? Naon sabem finalmente todos, que vivendo a veneravel Madre neste Mosteyro por espaço do trinta & tres annos, agora depois da sua morte desempenhou este voto hum seu amante sobrinho? Tudo

stoi

isto he cousa sabida. Logo venho eu a ter por assumpto, o mesmo que David teve por empenho, & se elle disse, que neste caso o melhor Panegyrico era o silencio: *Tibi ò Deus silentium laus*, hoje tambem o silencio devia ser o mais ajustado Panegyrico, porque as circunstancias que para elle concorrem, todos os discursos confundem. Eu confesso ingenuamente naon sò não sey como estes se possaon formar, senão tambem o empenho como se possa satisfazer: porèm como o dizer he preciso, ficarà tudo o que disser disculpado; & assim digo, que com singular discrição prometteo Dona Leonor de Tavora aquelle Senhor Sacramentado esta festa; porque as graças de huma profissaon Religiosa, so a elle saon devidas; pois se por huma profissaon Religiosa se entrega huma alma toda a Deos, & Deos se entrega todo a huma alma: (como escreve Ozorio) *Sicut viri religiosi totos se Deo tradunt, ita Deus quasi se totum illis tradit*; isto mesmo he o que aquelle Senhor faz naquella mesa; porque entregandose-lhe à elle huma alma: *In me manet*, elle tambem diz se entrega a alma, que o communga: *Et ego in illo*, & isto se veyo à verificar entre Dona Leonor de Tavora, & aquelle Senhor; porque se aquelle Senhor fuy todo della como ella todos os dias lhe chamava, meu Dios) ella em argumento de que era toda sua, Leonor do Sacramento se chamava: & se quando os desposorios saon finos, pedem correspondencia amorosa nos extremos, o assumpto que hoje havemos de ter, seraõ os extremos do Sacramento correspondidos (do modo possivel) por Soror Leonor: porèm antes que entre no assumpto, protesto que naon he a minha tençaon dar culto, nem approvar alguns portentos desta veneranda Madre, atè que à Igreja lhos naon approve; porque à mesma Igreja subordeno quanto disser, advertindo naon tenho mais authoridade, que a de hum fiel relator, do que pelo seu Confessor achey escrito, & por outras pessoas fidedignas qualificado.

Tom.4. suorũ concionum.

O primeyro, & principal extremo, que naquelle Sacramento se acha, he querer aquelle Senhor mostrar, que faz alli de justiça, à fineza que obra muyto de graça. (Eu me declaro, para que me entendaon todos.) Pergunta meu

An-

Angelico Doutor, & Mestre Santo Thomàs no tratado dos seus Opusculos, que razaon haveria, para que aquelle Senhor se desse alli occulto debayxo dos accidentes de paõ, & vinho, quando aliàs serio mayor a veneração, & o respeyto, se se dèra alli manifesto? *Cur hoc Sacramentum datur velatum*? E responde o Santo Doutor deste modo: *Quia in hoc potius credere verbis suis, quàm sensibus nostris, magnum habet meritum.* Diz que foy, para que o extremo daquella fineza, não parecesse fineza, senão divida; não parecesse graça, senão justiça; porque dando nós credito à sua palabra (que affirma assiste alli realmente à sua Pessoa) & não à nossa vista, por naon ser alli objecto della, ficasse sendo aquelle extremo amoroso, satisfaçaon, & paga do nosso merecimento, & não fineza gratuita (como na realidade era) do seu amor infinito; & isto para que? Para acreditar mais o seu extremo, pois então ficão estes mais acreditados de finos, quando sendo obrados por querer, se pertende pereção satisfações de devedor, & se crea; que os taes extremos saõ paga, quando na realidade saõ fineza. O lugar me deyxarà explicado.

Quiz Christo exagerar o excesso do amor Divino, & disse, chegàra a tal extremo o excesso, que dera seu Filho Unigenito aos homens: *Sic Deus dilexit mundum; ut Filium suum Unigenitum daret.* E não deu tambem o Padre Eterno aos homens o Espirito Santo? Sim deu. Pois como não diz Christo, que o extremo consistirà em dar o Espirito Santo, senão em dar seu Filho Unigenito? O Filho era seu Amado: *Filius meus dilectus*, o Espirito Santo era o seu amor: *Amor Patris*, & se este era o que o constituhia dos homens amante, como naon diz que o extremo do Eterno Pay se vio na data de amante, senaon na data de amado: *Ut Filium suum Unigenitum daret*? He o caso, que a data do Espirito Santo, foy data gratuita do amor do Pay Eterno (que por isso se chama o Espirito Santo Dom. *Donum Dei*,) porèm o Filho Unigenito, de tal modo o deu ao mundo, que sendo data gratuita, quiz mostrar a dava obrigado. A data do Espirito Santo foy conhecidamente graça: porèm a data do Filho quiz que parecesse justiça. Para mais clara intelligencia he necessario advertir o mo-

Ioan. 3.

tivo, que o mesmo Padre Eterno teve, para mandar ao Patriarcha Abraham, que lhe sacrificasse a seu filho Isaac (que diz o doutissimo Lopes) foy para que quando os homens vissem a seu Unigenito Filho offerecido em sacrificio no Calvario, naon se persuadissem que aquella fineza era totalmente gratuita, ou graciosa; era sim hũa obrigação satisfatoria da fineza que Abraham tinha obrado no monte Moria: pois se elle lhe quiz sacrificar hum filho neste monte, em outro monte mandou o Padre Eterno sacrificar a seu Unigenito Filho. Ouçaon com elegancia o Doutor: *Quoniam magna erat danda hominibus gratia, volens non quasi ex gratia, sed ex debito justitiæ facere, persuasit primum homini vt filium suum traderet, vt nihil magnum ipse videatur facere, filium suum tradendo.* Naon se pode dizer mais subido, nem mais claro. Temos logo, que a fineza de dar o Espirito Santo foy mera graça, & a fineza de dar o Filho foy manifesta justiça, porque foy paga de outra fineza. Diga logo Christo, que o extremo mayor do Padre Eterno, naon esteve em dár aos homens o Espirito Santo, senaõ a seu Unigenito Filho: para que se desenganem todos, que o quilate mais supremo do amor, naõ consiste na fineza voluntaria com que obriga, senaõ em mostrar obra por justiza, o mesmo que he fineza: *Sic Deus dilexit, &c.*

Sonet. 21. num. 2084

A razaõ disto he? porque quem obra hũa fineza de graça, deyxa obrigada a pessoa por quem a obra; porèm quem obra a fineza como de justiça, desobriga a pessoa que a recebe, porque mostra que a fineza he divida: quem paga, mostra-se devedor; quem obriga, mostra-se acrèdor, & naon se acredita o amor, quando pertende obrigar, acredita-se sim, quãdo se confessa devedor. Naon havemos de sahir do mysterio para deyxar o pensamẽto provado. Dando-nos aquelle Senhor o seu Corpo naquella Hostia, & o seu precioso Sangue no Caliz, disse pela boca de David, que o seu amor se mostrâra mais excellente na data do Sangue, do que na data do Corpo: *Calix meus inebrians quàm præclarus est?* Pois o Sangue naõ he do mesmo sugeyto de quem o Corpo? Naõ tem duvida. Logo se he do mesmo Senhor o Corpo, & o Sangue, que razaõ ha

para dizer, que o seu amor na data do Sangue mostrou mayores quilates? He o caso: que aquelle Senhor, dando-nos o seu Corpo, obrigounos, dando-nos o seu Sangue mostrouse elle obrigado. Dando-nos o seu Corpo obrigounos, porque no lo deu muyto de amor em graça, pois nenhuna obrigaçaon tinha, para nos dar o seu Corpo naquella Mesa: porèm dando-nos o seu Sangue, deunolo como devida de justiça, porque supposto o preceyto que tinha do Pay Eterno, para remir com o seu Sangue o mundo, para dar o Sangue estava Christo obrigado. Temos logo, que na data do Sangue se mostrou Christo devedor, porque *ex suppositione præcepti*, estava obrigado a satisfazer, & na data do Corpo se mostrou Christo acredor, porque nos quiz dar o que nos naõ devia dar. Diga logo, que na data do Sangue se mostrou o seu amor mais excellente; para que se veja, que do amor a mayor fineza, he aquella com que paga, & naõ aquella com que obriga; he aquella, que sendo fineza, se obra como se se devera de justiça, & naõ aquella que se obra como indebita, & de graça: *Calix meus inebrians quàm præclarus est.*

Sendo pois taõ grande a fineza daquelle Senhor Sacramentado, a Madre Soror Leonor do Sacramento, parece foy emula daquella fineza; porque todo o seu empenho foy mostrar, que inda as finezas que obrava, naõ eraon finezas, senaõ divida; & vio-se esta verdade provada, na fineza que fez por amor de Deos, querendo ser Religiosa, pois nenhum outro fim considero em mostrar que queria sahir do Mosteyro (quando taõ voluntariamente tinha nelle recebido o habito) senaõ querer persuadir, que o ser ella Religiosa naõ era fineza sua, era sim obrigada de Deos. Se ella entrando no Mosteyro perseveràra, entenderseh ia que era a sua fineza; porèm mostrar ella que queria sahir, & aõ depois tornarse a retractar, foy querer que o mundo conhecesse, que se ella largava o mundo, era porque Deos a chamava, & assim ficava no Mosteyro pela vocaçaõ que Deos lhe fazia. Fundo-me para o entender assim, em que ella no seculo tinha muyto mayores mortificaçones, que no Mosteyro; pois

estan-

estando em sua casa, (senaon era mayor) era igual a abstinencia, havendo em sua casa de tudo grandes abundancias; eraon naon menos no numero, que no rigor, as disciplinas, os cilicios, & a oraçaõ taon continuada, que a testemunhavaõ os joelhos, porque eraõ duas chagas vivas, sobre serem mais custosas, naon tanto pelo que padecia, quanto pelos recatos com que as dissimulava, para que ninguem soubesse em casa os exercicios que tinha. Agora digo assim: Se as mortificações, & os apertos voluntarios eraõ mayores fóra, que dentro no Mosteyro, segue-se que os apertos do Mosteyro naon eraõ os que a obrigavaon a querer sahir para o seculo; & assim necessariamente havemos de dizer, que foy nella a resoluçaõ de sahir, mais capa para occultar a sua fineza, que vontade deliberada; porque quiz que todos entendessem, que o ficar ella no Mosteyro parecia violencia doce do seu Esposo, & naon acto livre, & voluntario. Logo parece quiz competir com aquella fineza sacramentada, que se a daquelle Senhor he querer persuadir obra alli por justiça o mesmo extremo de se entregar aos homens tanto de graça; a Madre Soror Leonor quiz que o extremo de se entregar a Deos tanto de graça, (professando o estado de Religiosa) parecesse a todos era nella obrigaçaõ de justiça; mas por isso ella ficou sendo Leonor do Sacramento, & aquelle Senhor sacramentado ficou sendo todo de Leonor, porque assim lhe soube corresponder. Hum sò texto tudo nos ha de provar.

Naõ sò por finos decantados, senaõ tambem correspondidos, foraõ os extremos entre a Alma Santa, & o Esposo, que se viraõ muytas vezes ambos equivocados, pois foy muytas vezes necessario aos sagrados Interpretes fazerem declarações, que hũas vezes as palavras erão do Esposo *Hæc sunt verba Sponsi ad Sponsam*, & outras vezes, que as palavras eraõ da Esposa para o Esposo: *Hæc sunt verba Sponsæ ad Sponsum*: porèm sendo estes taõ extremosamente amantes, & taõ finos correspondentes, em hũa occasiaõ acho desmentida està sua correspondencia; porque buscando o Esposo a Esposa, ella lhe naon quiz abrir a porta: *Lavi pedes meos, quomodo coinquinabo illos*? Vendo o Esposo es-

Sotto-mayor.

Cant. 5.

te desabrimento, diz o Texto, que se retiràra: *At ille declinaverat atque transierat*; & a Esposa arrependida, se levantàra logo da cama, buscando-o por todas as ruas, atropellando os infortunios de roubada, & as crueldades de ferida: *Surrexi vt aperirem dilecto meo, quæsivi illum, invenerunt me vigiles, percusserunt me, tulerunt pallium meum.* Confesso naon entendo as incoherencias desta Esposa. Naõ era esta a mesma que confessava que morria de amores pelo seu Esposo? Naõ era a mesma que pedia à todas as que encontrava, que se vissem o seu Amado, le dissessem, que a sua ausencia a tinha enferma no leyto? Ella o disse: *Adjuro vos filiæ Hierusalem, si inveneritis dilectum, dicite ei, quia amore langueo.* Pois se desejava tanto a sua presença, como lhe naon abrio a porta quãdo elle à buscava? E supposto lhe naon quiz abrir, como logo o foy buscar? Seria isto achaque de mulher, que se nega quando pertendida, & busca depois de deyxada? Naon por certo; porque isto naon o havia de fazer hũa Alma, que era Santa, a hum Deos que a buscava para Esposa. Logo que mysterio podia haver, em naon lhe querer abrir, & logo buscallo? Eu o direy. Andavaõ estes dous Esposos em competencia amorosa, sobre qual delles havia de exceder nas finezas, & por isso lhe naon quiz abrir, para depois o buscar; porque se ella buscàra primeyro o Esposo, fazia hũa fineza de graça; porèm buscando o Esposo depois delle a buscar a ella, fazia hũa fineza de justiça, (por ser de razaon, & de justiça, buscar cade hum a quem o busca) & como o realce da fineza està em fazella de modo, que a fineza pareça divida, por isso a Esposa de graça naon quiz abrir, para que parecesse nella divida o buscar: *Surrexi, quæsivi illum*, & ficasse estabelecido, que este era do amor o mayor extremo.

Naon he isto o mesmo que succedeo a Soror Leonor do Sacramento? A mim me parece o mesmo; porque buscando-a aquelle Senhor, inspirando lhe o ser Religiosa, ella mosttou lhe naon queria abrir as portas da alma, supposto mandou abrir as do Mosteyro para sahir para fora; de facto naon chegou a sahir mas logo ao seu Esposo foy buscar da grade daquelle coro, rendendolhe as graças como obrigàda, & promettendolhe esta festa, para que a sua fineza

ex-

extremosa tivesse as apparenças de divida, quando o ficar, & o buscar foy fineza: mas assim havia de ser, para se despozar com aquelle Senhor,& para alli lhe corresponder; porque se elle alli he amante tão fino, que dando tudo, & dando-se a si mesmo, mostra ser elle o obrigado Soror Leonor tambem se devia mostrar obrigada (a inda quando toda se lhe offerecia) para corresponder àquella fineza, & por isso com aquelle Esposo tão vnida, que parece identificada, pois sendo ella Leonor do Sacramento, ficou sendo seu aquelle Senhor sacramentado: *In me manet*, *&c.*

A segunda fineza que faz alli aquelle Senhor sacramentado, he darse aos homens em sustento: *Caro mea verè est cibus*, *& sanguis meus verè est potus*; & he esta fineza tão extremosa, q̃ achou o Doutor Illuminado, fora esta a mais estupenda fineza: *Quàm stupenda, quàmque ineffabilis est erga nos charitas illius, qua hunc modum invenit.* (disse elle.) Teve razão, porque dar Deos sustento aos homens era obrigação de Creador: *Quia qui dat esse, dat consequentia ad esse*; porèm darse elle mesmo aos homens em sustento, isto he do amor o mayor extremo. Que aquelle Senhor se dèsse em sustento aos Anjos, grande fineza fora, porèm menos para admirada, porque saon as creaturas mais puras; mas que se dèsse em sustento aos homens, aos pobres, aos sugeytos mais vis, & bayxos, isso he cousa taó maravilhosa, que leva a admiração toda. Disse-o meu Angelico Mestre: *O res mirabilis! Manducat Dominum, pauper, servus, & humilis*; & cresce mais a fineza na singularidade com que nos deu, & nos dà aquella iguaria; porque quando se quiz dar sacramentado, diz o Evangelista, que tomou o pão em suas sagradas mãos, & em virtude de quatro palavras o transubstanciou en Corpo seu: *Hoc est Corpus meum.* O que supposto, entra a minha especulação a averiguar a causa, porque aquelle Senhor nos quiz dar aquella iguaria em virtude de quatro palavras, (que lhe sahirão da boca) quando sem dizer palavra nos podia dar aquella delicia. E o que pude alcançar, ou o que vim a entender foy, que como Christo naquelle mysterio transcendeo as finezas do amor todo, quiz se visse não sò era a mayor fineza darsenos

Taul. Ser. 1. Corp. Christ.

ſacramentado, ſenão em tirar da ſua boca, o que nos dava por ſuſtento; & porque não cuydem, que iſto ſòmente he dito, ouviràõ agora ao meſmo Chriſto, que me deu o fundamento: *Non in ſolo pane vivit homo*, (diſſe elle ao demonio) *ſed id in omni verbo, quod procedit de ore Dei*. Quer dizer: Não ſò conſiſte o ſuſtento do homem no pão, ſenão nas palabras que ſahem da boca de Deos. (Jà ſabem, que Deos não tem boca, & aſsim ſe devem entender as palabras que haviáo de ſahir da boca de Chriſto.) Que palabras eſtas foſſem, diz o ſapientiſsimo A Lapide, que foráo as da conſagração, mediante as quaes ſe dà a ſi meſmo ſacramentado: *Sed in omni verbo, id eſt, Chriſto, ſeipſo, ſuaque carne, & Deitate in Euchariſtia*. Temos logo, que o manjar que Chriſto nos dà naquella Meſa, para no lo haver de dar o tirou da ſua boca, & he eſte exceſſo da charidade tão extremoſo, que me atrevo a dizer faz mais heroico o amor de Chriſto naquelle Sacramento.

Sup. cap. 4. Matt.

Chegarão em Capharnaũ a S. Pedro hũs rendeyros tão executivos, como queyxoſos, de que Chriſto lhes não pagava o tributo, que a Ceſar pagavaõ todos os povos, & o ameaçàraon, que ſenaõ quizeſſe pagar por graça, o obrigariaõ a pagar por juſtiça: (que eſta caſta de gente, nem a hum Chriſto perdoa.) Perguntou Chriſto aos Diſcipulos, ſobre que era o litigio, & dizendolhe, que era ſobre pagarem o tributo a Ceſar, mandou Chriſto a S. Pedro foſſe logo ao mar, & lançaſſe o ſeu anzol, que nelle havia de tirar hum peyxe, em cuja boca havia de achar com que ſatisfazer o tributo, & pagaria por ambos: *Da eis pro me, & te*. O Abulenſe quer, que naon ſò por Chriſto, & Pedro; foraõ os rendeyros pagos, ſenaõ tambem pelos mais Diſcipulos: *Pro ſingulis Apoſtolis ſolutum fuit*. Deyxo o muyto que aqui podia dizer neſte paſſo, & vou ao que me chama o doutiſsimo A Lapide com hum ſeu dito; porque diſſe, que neſta occaſiaon obràra Chriſto hum acto heroico: *Chriſtus hic elicuit actum heroicum*. Confeſſo, que o naõ entendo; porque ou eſte acto heroico conſiſtio na pontualidade de pagar, ou no milagre da moeda na boca do peyxe ſe deſcobrir, & nenhũa deſtas acçoẽs ſe pòdem chamar heroicas; porque nenhũa deyxou de ſer em Chriſto muy ordi-

Matth. 17.

Citad. o A Lap. hic.

ordinaria. Em primeyro lugar o naon foy, o pagar à Cesar o tributo, porque me lembra, que em outra occasiaon tinha dito Christo, que era divida de justiça pagar a Deos, o que era de Deos, & pagar a Cesar, o que era de Cesar: *Reddite ergo quæ sunt Cæsaris, Cæsari, & quæ sunt Dei, Deo;* (& naon pode chamarse acçaon heroica, aquella que he divida de justiça.) Naon pòde tambem ser acto heroico o milagre do dinheyro; porque fazendo Christo muytos, & mayores prodigios, naon vejo que nenhum fosse acclamado por heroico: logo que singularidade houve neste, ou com que fundamento disse o A Lapide, que Christo nesta occasiaon obrara hum acto heroico: *Christus hic elicuit, &c.* Eu confesso naõ soubera responder, se me naon dèra luz para a reposta o meu Hugo Cardeal. Diz elle, que este peyxe, que pescou S. Pedro, era figurativamente o mesmo Christo: *Eum piscem, qui primus ascenderit, tolle, id est, Christum:* & que fez Christo no peyxe figurado? Tirou o dinheyro da boca para remediar, & remir aos Discipulos: *Pro singulis Apostolis solutum fuit.* Pois Christo para remediar pobres, & necessitados, tira da boca o subsidio? diga-se, que nessa occasiaon obrou Christo hum acto heroico, que se aquillo se chama heroico, que excede o modo ordinario, se veja, que a charidade mais fina, & mais extremosa, consiste em tirar da boca o remedio para acodir a pobreza: *Christus hic elicuit, &c.*

Quem naon admira esta fineza de Christo, naon sabe que cousas saon finezas, que se bem as soubera conhecer, por divina se havia esta de avaliar; pois se ensina a experiencia, que senaon repàra no mundo em roubar por acodir à boca; haver quem tire da boca para remediar a necessidade alheya, isto he acçaon que parece divina, porque se naon vè nos individuos da natureza humana. Parecerey encarecido, mas hum Texto o deyxarà qualificado. No retiro de hum deserto se achou Christo accompanhado de muyto povò faminto, & querendo acodirlhe com o remedio, consultou como se lhe poderia dar sustento: *Unde ememus panes, vt manducent hi?* Houve grandes dificuldades no caso, porque alli nada se vendia

Ioan. 6.

dia (& ainda que o houvera) o dinheyro tambem falta-va, com que os pobres perecia on. Quando sahio Santo Andrè com a noticia, de que na companhia estava hum moço, que tinha cinco panes, & dous peyxes; mas isto vinha a ser nada, para matar tanta fome. Isto naon obstante, tomou Christo os panes nas maons, & de tal modo se multiplicaraon, que todos comeraon atè mais naõ querer, & doze alcofas sobejàraon, que se mandàraon guardar. Este foy o caso. Entraon agora os Expositores a averiguar quem foy este moço, que deu o paon, & os peyxes para comerem os famintos. Muytos dizem, que fora S. Marçal; porèm o doutissimo Lyra diz, que este moço fora Moyses: *Puer est Moyses*. Como podia ser isto? Moyses, que viveo no tempo da Ley Escrita, podia ministrar, ou dar o paon no tempo da Ley de Graça? Moyses, que jà estava no Limbo, podia offerecer o paon, & o peyxe no deserto? Como he isto intelligivel? Eu o direy. Que he o que fez este moço? Achando se com cinco panes para elle comer, os foy offertar a Christo, para que acodisse à necessidade dos mais: (pois do Texto nem consta, que a este moço os pedissem, nem que por ordem de Christo lhos tirassem) o que diz o Texto he, que Christo os recebeo, final evidente, de que o mesmo moço os offertou; *Accepit Iesus panes*. Pois (diz Lyra) este moço naon podia deyxar de ser aquelle velho: este moço so podia ser Moyses do outro mundo; porque se Moyses no mundo foy Vice-Deos nomeado: *Constituo te Deum Pharaonis*, so hum sugeyto da carne jà despido, ou hum homem divinizado, podia obrar tal extremo, qual he o tirar o paon da boca propria, para remediar a necessidade alheya, & com razaon, porque pedindo a boa ordem da charidade começar por si: *Incipit à se ipsa*, haver quem corte por si, so por remediar a outro, isso he transcender a charidade humana, & mostrar huma charidade divina: *Est puer hic, qui habet quinque panes. Puer est Moyses. Constituo te Deum Pharaonis.*

Lyra hic.

A' vista do que tenho dito, que querem agora que diga da veneravel Madre Soror Leonor do Sacramento, senaõ que parece competio com a fineza do seu Esposo Sacramen-

men.

mentado? pois se elle tirou da sua boca o manjar que nos dà naquella Mesa, Soror Leonor naon sò dava aos pobres quanto tinha, & quanto seus parentes lhe davaon, (que naon era pouco(senaon inda aquillo mesmo que tinha para comer, o tirava da boca, para remediar as necessidades daquelles, que ao Mosteyro hiaon à pedir, & con tal excesso, que algũa vez foy necessario facer Deos hũ milagre para lhe matar a fome. Era à Madre D: Maria Rosa, a Religiosa com quem Soror Leonor tinha no Mosteyro mais confiança, de sorte, que quando se via mais necessitada, à ella sò recorria, pedindolhe hum bocado de paõ para o sustento preciso, & indo à sua cella pedirlho à tẽpo que à naõ achou na cella, achou nella sò hũ bocadinho taon pequeno, que esteve com à resoluçaon de deyxallo por naon ser sufficiente: porèm confiada em Deus começou à comer, & naon sò ficou saciada, senaon excederaõ as sobras à quantidade que achàra. Mas assim havia de ser, q̃ se no banquete do deserto foraon mais os sobejos, q̃ os pães, que o mozo tinha dado, porque se deraon à tantos necessitados, & famintos; naon he muyto, que tambem nesta occasiaon se visse o paon multiplicado, hũa vez que foy para sustento preciso, de quem tinha tirado o seu da boca, para remediar hũa necessidade alheya: Confesso, que inda que à veneranda Madre naon tivera mais que esta virtude, esta bastaba para que em vida se visse jà beatificada. Naon sou eu o que o digo, David o deyxou provado.

Beatus qui intelligit super egenum, & pauperem, disse elle: Eu tenho por homem santo, tenho por bemaventurado, aquelle que entende a necessidade do pobre: (isto agora mal se entende) se dissera, que era beato aquelle que remediaba à necessidade do faminto, estaba bem; mas dizer, que de beato se acreditaba aquelle que à entendia: *Qui intelligit?* intelligivel parece; mas vamos à Filosofia, que por ella conheceremos, o que atè aqui naon penetrames. Dizem os Filosofos, que o nosso entendimento de tal modo se trasforma naquillo q̃ entendemos q̃ se o entẽdimẽto entẽde hũa pedra, fica pedra o nosso entendimẽto: *Intellectus intelligendo lapidem, fit lapis.* Donde se seque

Psalm. 40.

gue, que aquelle que entende a necessidade do pobre, de tal modo se transforma na sua pobreza, & necessidade, q̃ como pobre chega à pedir, porq̃ tudo vem a dar & dar hũa creatura o que tem por amor de Deos, com tal prodigalidade, que lhe seja necessario o pedir, para aver de se sustentar, he hum lance de charidade taon extremoso, que em vida achou David se lhe podia chamar beato: *Beatus qui intelligit, &c. Intellectus intelligendo, &c.*

Naon he isto o que fazia Soror Leonor do Sacramento? Muytos o testemunhàraon, & o afirmaon hoje, porq̃ assim se despojava de tudo por acodir às necessidades, dos proximos, q̃ se precisaba à pedir, para haver de se sustentar; sẽdo ella à mais bẽ provida para dispender, ella se punha tão pobre, q̃ como pobre se punha à pedir. Logo bẽ se pode dizer, q̃ este excesso de charitativa, à tinha no mundo beatificada, mas como naon havia de ser assim, se he este extremo de charidade tão elevado, que naon parece humano, senaõ extremo divino; naon parece procedido de graça limitada, senaon de graça infinita? Escrevendo o Apostolo S. Paulo aos esmoleres de Corintho, lhes disse assim: *Vos scitis gratiam Domini nostri Jesu Christi, qui propter vos egenus factus est, cum esset dives.* Vòs sabeis muyto bem à graça de N.S. Jesu Christo, que sendo rico, por amor de vòs se fez pobre. Naon reparo em que o extremo da charidade de Christo, o deyxasse pobre, & de tudo exhausto, porque ninguem ignora, que elle nos deu todo (& basta chegar à darse à si mesmo;) o em que reparo he, em dizer o Apostolo, que os Corinthios sabiaon muyto bem à graça de Jesu Christo; porque primeyramente à graça he invisivel, & naon se pode conhecer, & àlem disso à graça de Christo era de Christo, era de Deos, & Senhor. Logo se era à sua graça infinita, como podia ser conhecida à sua graça: *Vos scitis gratiam Dei?* Sabem como? pelos effeytos, porque se naon pode comprehender à sua graça o nosso entendimento, pelos effeytos pode conhecer à sua graça. Quaes forão os effeytos della? Disse-os o Apostolo: *Cum esset dives, propter nos egenus factus est.* Sendo rico, tudo nos deu, & ficou pobre; & ficar no estado de pobre; sò por dar aos pobres tudo, isto achou ò Apostolo era

2. Ad Corint. 8. n. 9.

huma charidade de taon excessiva, que se naon compadecia con hũa graça limitada, antes era demonstraçaon de huma graça infinita: *Vos scitis gratiam Dñi nostri Iesu Christi, qui propter vos egenus, &c.*

Eu bem sey naõ posso dizer de Soror Leonor do Sacramẽto, q̃ teve infinita graça, porque era creatura, mas achou a pobreza nella tanta graça, q̃ pelo muyto q̃ della recebia, parecia infinita a graça, porq̃ naõ tinhaõ termo as esmolas: mas assim havia de ser; porq̃ se o que se dà, por esmola se recebe, nunca se havia de terminar o dispendio, porq̃ havia de ser cõtinuo o recibo. Ve-se este prodigio claro naquelle mysterio, pois dando-se alli todos os dias, & a todos, disse q̃ sacramentado sò se havia de dar atè se acabar o mundo: *Ecce ego vobiscum sum vsque ad consummationem sæculi.* E porq̃ naõ ha de aver mais Sacramento, q̃ atè esse tempo? Porq̃ razaõ se naõ ha de dar sacramentado, senaõ atè o dia do Juizo? Direy o q̃ entẽdo: He porq̃ entaõ naõ ha de haver a quem se possa dar, & faltando ao Senhor quẽ o receba, o q̃ tem para dar, parece acaba: *Vsque ad consummationẽ sæculi;* & se esta foy a sua liberalidade, ou a sua charidade excessiva naquella Mesa, q̃ para saciar os pobres tirou aquelle manjar da boca, (como jà vimos) & a charidade da nossa serva de Deos a este extremo se entendia, cõ razaõ dizia eu, que parece houve competencia entre Christo, & Soror Leonor do Sacramẽto na charidade para com os necessitados, & famintos; porq̃ vemos o extremo correspondido, inda q̃ haja differença nos extremos; & se os pobres saciados, (disse David) q̃ haviaõ de romper em hũ acto gratulatorio: *Edent pauperes, & saturabuntur, & laudabunt Dominum*, naõ he muyto, que Soror Leonor do Sacramento prometesse àquelle Senhor esta acçaõ de graças, porque se elle alli he penhor da gloria: *Futuræ gloriæ pignus*, jà nella se verà saciada pela charidade excessiva, que vsou cõ a pobreza, & com o seu Esposo vnida na gloria, assim como naquelle Sacramento se vne com as suas Esposas por graça: *In me manet, & ego in illo:*

A terceyra fineza, q̃ fez aquelle Senhor Sacramentado, foy mostrarse taõ amante de q̃ tinha padecido por nosso remedio, q̃ estando alli na realidade vivo, quiz q̃ o considerassem morto: *Recolitur memoria passionis eius.* E porque razaõ queria aquelle Senhor, q̃ o contemplassemos alli morto, estando alli na realidade vivo? Temola no Evangelho; *Sanguis meus verè est potus.*

 disse

disse aquelle Senhor, q̃ nos queria dar alli o seu sangue liquido; porque nos queria dar o seu sangue potavel: *Verè est potus*; & como aquelle Sacramento he o Sacramento das finezas, achou que nenhũa faria, dando-nos o sangue liquido de hum corpo vivo; faria sim grande fineza, dando-nos o sangue liquido de hum corpo representativamente morto: & a razaõ he; porque se se naõ póde chamar fineza, senaõ aquella acçaõ, que vence algũa repugnancia, dar sangue liquido hum corpo vivo, isso he natural; porèm dar sangue liquido hum corpo morto, naturalmente naõ póde succeder; & assim esta repugnancia vencida, he a que tem o nome de fineza, & por isso quiz aquelle Senhor o considerassemos alli morto, para que no sangue potavel, & liquido, conhecessemos alli o seu extremo.

Contemplando o Doutor Mellifluo, o golpe q̃ a Christo deraõ no peyto, disse, q̃ naquella ferida se acreditàra mais a sua fineza, porq̃ lhe chamou ferida do amor pot antonomasia: *Vulnus amoris*. Venero a authoridade, mas naõ posso deyxar de estranhar a singularidade. As mais feridas do corpo de Christo naõ foraõ por amor levadas? Naõ tem duvida. Pois como só a do lado por ferida do amor se reputa? He o caso, q̃ as mais feridas deraõ sangue liquido por nosso amor, estando o corpo vivo; porèm à ferida do lado deu sangue liquido estãdo jà o corpo morto: *Vt viderunt eum jam mortuum, vnus militũ lancea latus ejus aperuit, & continuò exivit sanguis*: & achou o Doutor Mellifluo, que dar sangue liquido hũ corpo vivo, isso naõ era extremo, porque era natural no corpo; porèm dar hum corpo morto sangue liquido, isso sò era do amor extremo, por ser à natureza contrario: *Vulnus amoris*.

Quem naõ dirà jà, q̃ Soror Leonor do Sacramento foy emula das finezas de Christo Sacramentado, se vimos jà algũas correspondidas, & esta agora apparentemente emulada; pois sabe toda esta terra, q̃ do seu corpo depois de quarenta horas morto, sahio sangue taõ liquido, como se estivera animado? Todos o sabem, & o sangue em alguns lenços in da hoje existe, q̃ se naõ faltou no Calvario quem colhesse o sangue do lado de Christo, que diz o Metaphraste o colheo a Virgem Maria Senhora nossa: *Beata Virgo aquam, & sanguinem multa cum reverentia collegit*; naon faltou tambem neste Mosteyro, quem ensopasse nelle hum lenço, quando pelos golpes de huma lanceta sahio, estan-

Citado do Sylv.

do

do para se enterrar no Capitulo. Muytas differenças houve em hum, & outro golpe, & ha tambem em hum, & outro sangue. Nos golpes, porque o do lado de Christo deu-o o odio enganado, & o de Soror Leonor deu-o o amor para desengano; o de Christo foy feyto com huma lança, o de Soror Leonor com huma lanceta; o de Christo para se manifestar aquelle mysterio: *De latere Christi exierunt Sacramenta*, o de Soror Leonor para se acreditar este Mosteyro; o sangue de Christo para remedio do mundo todo: *Redemisti nos Deus in sanguine tuo*, o sangue de Soror Leonor, para medicina de alguns enfermos, (pois affirmaõ pessoas fidedignas, que alguns que bèraõ agoa, em que o lenço sanguinolento se tinha mettido, sem mais outro medicamento livràraon.) Protesto neste, & nos mais casos, o mesmo que protestey no exordio deste assumpto, & que naõ faço equiparancia de hum, & outro sangue; porque o de Christo he no valor infinito, & o de Soror Leonor na vittudo limitado, & debayxo deste protesto, se deve entender tudo aquello que entrar neste discurso; pois a emulaçaõ nas finezas, naon he mais que por semelhança; & se esta no sangue de Abel, & o de Christo naon foy censurada, pois disse Origenes, que tiveraõ sua semelhança: *Sanguis Abel typus fuit sanguinis Christi*; se a mesma teve o sangue de Joseph, como disse Santo Ambrosio: *Idem significat sanguis Joseph, qui exquiritur*; & o de Job como escreveo a luz da Igreja Santo Agostinho: *Idem significat sanguis Job non operiendus*; & finalmente (o que he mais) se naõ incorreo na censura de indecencia, dizerse, que o sangue do novilho, do cordeyro, & o do hirco, tivera com o de Christo semelhança, & delle foy manifesta figura, sò a ignorancia poderà agora estranhar, aquillo que eu neste ponto disser. Vamos agora ao ponto.

Citados todos de Laureto v. Sang.

No dia que espirou a veneravel Madre Soror Leonor, disse diante do seu Confessor, & das Religiosas que assistiaon, que se sentia com o coraçaon tão ferido, como se lo tiveraon atravessado com hum dardo, & que aquelle golpe rigoroso era o que lhe tirava os ultimos alentos. Mas quem daria a Soror Leonor este golpe? Eu dissera, que foy o suo Christo do Capitulo; & para saberem o fundamento com que o digo, he necessario referir o caso. Acha-se no Capitulo deste Mosteyro hum Christo, que dos amores, & orações de Soror Leonor

era

era o total emprego, & nelle foy o cadaver ſepultado. Nó tempo que eſte ſe eſteve amortalhando, ficou dos horrores da morte, que ſe via nelle, grande fermoſura, a qual naõ tinha tido vivente; taõ flexivel, & maneavel, que naon ſò conſervava os braços, & as mãos donde lhos punhaõ, (que ſe tem viſto em muytos) mas o que em nenhum ſe vio, & foy, que ella por ſi levou a maõ à boca tres vezes, (ou porque della tirava na vida, o que havia de dar a pobreza, & os inſtrumentos da eſmola naon acabaõ) ou porque queria pedir às que aſsiſtiaõ, tiveſſem ſilencio no que viſſem. Impacientes eſtas com a acção repetida, lhe dobraraõ o braço, & lhe metteraõ a maõ debayxo do corpo, para que naõ tornaſſe a levantalla; porèm foy baldada a diligencia, porque outra vez a tornou a tirar, & ſò la pudèraon ſuſpender com a violencia de lhe atarem as mãos ambas. O que ſuppoſto, eu me vim a reſolver neſte caſo, que o fim deſta acçaon preternatural, naõ era ordenada mais que a pedir ſilencio; porque nem em vida, nem na morte, quiz que acçaõ de virtude ſua ſahiſſe a publico; & naõ ſey ſe por eſta cauſa, ſendo encomendado eſte Sermaõ a dous Prègadores grandes, hum morreo tendo jà feyto o Sermaõ, outro foy tirado para parte taõ remota, que o naõ pode prègar; à eſte paſſa de tres annos que foy prègado, ſem poder ſahir a luz por renitencia minha, ſobre outros mais impedimentos. Perdoem a digreſſaõ, & vaõ comigo agora a contemplar o mayor caſo. Vendo eſte congreſſo Religioſo, & os Miniſtros Eccleſiaſticos (que obrigados dos prodigios, entràraõ a examinallos no coro de bayxo, preſentes os Medicos) reſolvèraõ, que ſe examinaſſe o corpo por meyo de huma lanceta, ſe eſtava jà tributario à morte, ou le conſervava ainda a vida, Fez-ſe a deligencia, & averiguoſe eſtar a vida àcabada, porque ficou enxuta a lanceta. A' viſta do deſengaño ſe levou o cadaver para o Capitulo, para nelle ſer ſepultado, & apenas o collocàraõ nelle, quando pelos golpes da lanceta començou a correr o ſangue om tal quantidade, & liquido, que enſopou muytos pannos, & lenços. Eſte he o caſo. Agora a razaõ do meu conceytos. Quem matou a Soror Leonor do Sacramento, foy o Senhor do Capitulo; porque ſe enſina a experiencia, que o morto à viſta do matador lança ſangue, ou por antipatia natural, ou porque Deos aſsim o quer, que hey de

dizer,

dizer, vendo que o cadaver da veneranda Madre, estando no coro com as veas rasgadas, naon lançou pingo de sangue, & no Capitulo diante do seu Christo, lançou sangue em quantidade, senaon que elle à matou, porque à quiz levar para si, ou obrigado das supplicas que ella lhe facia, ou por dar aos seus serviços à coroa? O discorso natural, nenhũa outra cousa me deyxa persuadir, pois à experiencia tem mostrado, que apparecendo o matador diante do cadaver, rompe em fluxo sanguinolento: senaon provaloha o mesmo Christo.

Questaon he altercada entre os Expositores sagrados, qual seria à razaon, porque Christo quiz levar hũa lançada no peyto, porque se era para se acreditar de extremoso, havia de levar à lançada estando vivo; & se foy diligencia do odio para saber se Christo estava jà morto, esta diligencia era baldada, porque affirma o Evangelista, que elles muyto bem o sabiaon, pois diz, que por isso lhe naon quebraraon as pernas, (como aos ladrões) porque o viraõ jà morto: *Ut viderunt eum jam mortuum, non fregerunt ejus crura.* Logo à que fim quiz levar à lançada, se nem era necessaria para o exame, nem tambem para à fineza? Varias, & muytas saon as respostas, & entre ellas à melhor, me parece à da melhor penna da Companhia porque diz o doutissimo A Lapide, que os Judeos naon ignoravaon estava jà Christo morto, mas que quizeraon mostrar com evidencia à todos os mais assistentes, que Christo estava jà despojo da morte: *Latus perfoderunt, ut plenè omnes viderent eum esse mortuum.* Venero à authoridade do Douto, mas pergunto: Em que se vio aqui plenamente à morte de Christo? Agora responderey eu o que entendo. Quem via à Christo crucificado depois de lhe darem tantos martyrios, dizia que Christo morrèra às mãos do odio; porèm Christo disse por David, que elle morrèra às mãos do amor, porque disse que o seu coraçaon tivera as semelhanças de homicida: *Factus sum tamquam mortuus à corde.* Para tirar esta duvida, era necessaria prova, & assim para averiguaçaon deste ponto, quiz Christo lhe abrissem o peyto, porque entaon se havia de saber quem fora o matador. Abrio-se à Christo o peyto, ficou o coraçaon manifesto, & o sangue, diz o Texto, logo comezou à correr, para que se conhecesse que fora o matador, pois se à vista deste

Joa. 19.

Hic

Ps. 30.

te o ſongue corre, naon dando o corpo morto ſangue, vendo-ſe eſte correr, quando o coraçaon ſe chegou à manifeſtar, ficava à verdade provada, que o coraçaon fora o homicida: *Unus militum lancea latus ejus aperuit: factus ſum mortuus à corde: continnò exivit ſanguis.* Agora digo aſsim: Se à viſta do Senhor do Capitulo correo ſangue liquido de Soror Leonor do Sacramento, como naon direy eu, que aquelle meſmo Senhor à matou, ſe ſò à ſua viſta o ſangue correo? Aſsim parece ſe pode dizer.

Mas que venho eu à dizer niſto? Muyto, porque da ſua predeſtinaçaon he hum grande argumento. Eu me declaro. Ha hũas creaturas à quem Deos mata, ha outras, que as mataon às ſuas culpas; diſſe-o David: *Viri iniqui non dimidiabunt dies ſuos.* Aquelles pois à quem as culpas mataon, ſaon os que ſe perdem; & aquelles à quem Deos mata, ſaon os que ſe ſalvaon. Aquelle meſmo Senhor o ha de comprovar com o que diſſe, inſtruindo-nos à todos do modo com que o haviamos de receber: *Non ſicut manducaverunt Patres veſtri manna, & mortui ſunt:* Diſſe, que o naon recebeſſemos ſacramentado, aſsim como recebèraon os Iſraelitas o mannà no deſerto, porque todos ficàraon mortos. Pois os que recebem dignamente aquelle Senhor naon morrem? He certo, porque todos acabaon. Como logo ſò diz, que os comèraon do manà morrèraon, ſe à conſequencia que dahi ſe ſegue, he que os que ó commungaõ naon morrem? He o caſo, que aos Iſtaelitas no deſerto matou-os o ſeu pecado; porèm aquelles que dignamente commungaon, dàlhes à vida aquelle meſmo Senhor, que la tira, & ſe à eſtes, porque Deos os mata, dà Deos hũa vida eterna: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum,* aquelles, porque pelas ſuas culpas morrem, infallivelmente ſe condenaon; aſsim debe iſto ſer; porque ſe aquelles que por ſuas culpas morrem, acabaon em odio de Deos, como ſe haon de ſalvar? He impoſsivel; & ſe aquelles à quem Deos mata, morrem nos braços de Deos, como ſe haõ de perder? naon he conſideravel, pois com elle acabaõ taon unidos, que parecem identificados: *In me manet, & ego in illo.* Logo ſe às mãos do ſeu Eſpoſo morreo Soror Leonor, quem duvida, que ſe havia de ſalvar? & que neſta ditoſa morte, havia de ſegurar à eterna vida? Aſsim piamente ſe deve creer, eſpecialmente ſendo na emulaçaon das finezas

do

do seu Esposo taon empenhada, que em tudo teve com elle semejhanças, naõ sò na vida, (como jà estão provadas) senaon tambem depois da morte, em que parece houve tambem emulaçaon nas maravilhas.

Depois de Christo morrer, diz o Evangelistas, que muytas almas que assistiraon ao espectaculo, se viraõ contritas pelo arrependimento: *Qui aderant ad spectaculum, revertebantur percutientes pectora sua*; & na morte de Soror Leonor se reformaraon naon so muytas Religiosas deste Mosteyro cõ vniversal assombro, senaon muytas pessoas de fora, pelo que lhes chegou aos ouvidos. Se na morte de Christo ficou com vista hum Longuinhos cego, na morte de Soror Leonor hum moço, que tinha perdida à vista de hum dos olhos, ficou com elles perfeytos, implorando o seu auxilio deste modo. Senhor, (disse elle a Deos nesta Igreja, ouvindo o que se dizia da serva de Deos) se he certo o que dizem desta vossa serva, & a sua alma està logrando da vossa gloria, della terey eu a mayor certeza, se por intercessaon sua me restituires a minha vista. Isto disse o cego à noyte, & achouse com a vista perfeyta pela manhã. Se da sepultura de Christo disse Isaias, que havia de ser gloriosa pelas maravilhas que nella succederaon: *Erit sepulchrum eius gloriosum*; a sepultura de Soror Leonor pareceo gloriosa, porque se vio nella huma notavel maravilha. Havia annos que huma Abbadeça virtuosa deste Mosteyro, vendo a casa do Capitulo notavelmente desaceada, com os effeytos que costumaõ as andorinhas fazer em muytas casas, lhes mandou debayxo de preceyto, que naon entrassem mais naquelle Capitulo. Obedecèraon, porque nunca mais allí entràraõ: porèm na occasiaõ em que levaraon o corpo da veneravel Madre ao Capitulo para o sepultar, as andorinhas desterradas entraraõ todas, & estiveraon cantando em quanto durou o Officio da sepultura, o qual acabado, desappareceraon as andorinhas, & naon se viraon mais no Capitulo. Muyto se podia aqui dizer, mas na brevidade de hum Sermaon, nem tudo se pode ponderar, & assim ficarà o caso à consideraçaon de cada hum. Finalmente na morte de Christo dividiraon-se as suas roupas como reliquias, ficando sò à tunica inconsutil inteyra; & na morte de Soror Leonor, como reliquias se dividiraõ as suas roupas, & sò se conservou inteyro hum gibão, que se

conserva no Mosteyro por admiraçaon, porque mais parece ar-tefacto para martyrio, do que vestido para o corpo. (Oh se nesse tempo se vsàra esta moda, quanta gente seria Santa?) Porèm se o seu Esposo sacramentado disse, que queria hũa memoria continua dos seus tormentos: *Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis*; naon he muyto, que Soror Leonor trouxesse o corpo taõ mortificado, com à consideraçaon do que padeceo o seu Esposo, hũa vez que ao seu Esposo vivia o seu espirito vnido: *In me manet, & ego in illo.*

Hũa acçaõ de graças era logo necessaria, & esta devida àquelle Senhor naquella Mesa, porque de semelhantes portentos, sò aquelle mesmo Senhor he desempenho gratulatorio. Cuydo que David o deyxou declarado: *Quid retribuam Domino pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem salutarls accipiam*: Que hey éu de dar à Deos (disse ella) por tudo o que me tem dado? que meyo poderà haver para gratificaros seus beneficios? Eu confesso naon acho outro, senaõ recebello Sacramentado: *Calieem salutaris accipiam*. Pois nisto para o seu agradecimento? Naon, mais algũa cousa diz ha de fazer, que he cumprir os votos que tynha feyto: *Vota mea Domino reddam*. E quaes eraun? O meu Hugo diz, que eraon os mesmos que faz hum Religioso: *Votum paupertatis, votum continentie, vetum obedientiæ* & em comprir estes votos, & receber o caliz consistia todo o agradecimento; porque esta caliz bebido era o mesmo que huma correspondencia aos tormentos, que por nosso amor havia de padecer Christo, como disse o novo Tertulliano: *Retribuam illi cruciatum pro cruciatu, dolorem pro dolore, sanguinem pro sanguine, mortem pro morte.* E naõ fez isto tudo Sorot Leonor? Certo que tudo isto fez: pois ella cumprio os votos de Religiosa neste Mosteyro, ella padeceo os mayores tormentos, & as mayores doenças, & dores, conformandose muyto com à vontade do seu Esposo; ella deu por seu amor o sangue, naõ so nas disciplinas em quanto viva, mas ainda deu sangue depois de morta: finalmente ella parece deu morte por morte, porque de trinta & tres annos de professa largou a vida; contando so por annos de vida, os que teve de Religiosa. Logo a sua acçaõ de graças pelos beneficios recebidos, havia de ser aquelle Senhor Sacramentado com este applauso festivo, supposto que dos bene-

Ps. 115

Tom. 5. fol. 102.

neficios, he elle o melhor desempenho: *Quid retribuam Domino pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem salutaris accipiam.*

Creyo que està desempenhada a empreza, porque a emulaçaon das finezas està provada; porèm falta huma grande circunstancia, que he digna de toda a nota; & he, que fazendo a veneravel Madre esta promessa, de applaudir aquelle Senhor Sacramentado com todas as demonstrações festivas, deyxou passar tantos annos sem a satisfazer, (sendo que em muytas que fez sempre se experimenteu pontual) & naon me deu pouco em que entender, a causa que haveria para a veneranda Madre faltar: porèm lendo o capitulo trinta dos Numeros, pareceme que descobri nelle a causa: *Mulier quæ est in domo patris sui, si quidquam voverit (si pater tacuerit, voti rea erit) si autem contradixerit pater, vota irrita erunt, & non tenebitur sponsioni.* A mulhèr (disse Deos a Moyses) que estando em casa de seu pay, prometter, ou votar alguma cousa à Deos, se o pay consentir na promessa, ficarà a satisfaçaõ obrigada; porem se o pay naõ consentir, ficarà desobrigada da promessa. Esta era a determinaçaon da Ley Antiga. Agora jà entendo a causa, porque Soror Leonor devia de faltar à promessa. Naon foy esta de fazer aquelle Senhor Sacramentado huma festa com a mayor pompa? huma festa com toda a magnificencia? hum applauso festivo a todo o custo, & dispendio, se ella aqui professasse o estado Religioso? Asim foy. Naon ficou ella pela profissaon filha de meu Serafico Padre S. Francisco? He certo. Agora digaon-me, se consentiria o Pay pobre por antonomasia, que huma filha sua fizesse taon consideraveis despezas? Parece que naõ; porque se o mesmo Christo por ser pobre, querendo celebrarse Sacramentado, commetteo as despezas, & ornatos a hum homem nobre, & rico, so a fim de dar o exemplo: *Ipse ostendit vobis Cœnaculum grande stratum*: meu Serafico Padre, que o imitou na pobreza, naon havia de querer, que Soror Leonor fizesse festa taon custosa; & asim a imitaçaon do seu Esposo, commetteo este desempenho a hum amante sobrinho, que sem reparo em despezas, & com genero-

Num. 30.

ſidade de Cavalheyro, fez a feita com o luzimento, que teſtemunhão os noſſos olhos. Logo naõ faltou a veneranda Madre em ſatisfazer, o Pay que venerava, & imitava, foy o que a fez faltar, porque nao quebraſſe a Ley, quando alias lhe naõ faltava, quem por ella a podia ſatisfazer, & com tanto eſplendor; mas tudo bem empregado, porque ao meſmo paſſo que eſte Cavalheyro deſempenha hoje a promeſſa, a ſi meſmo tambem ſe acredita, pois no tablado deſta Corte tranſmontana, ninguem faz mais honrado papel, que a ſua Peſſoa. O lugar me explicarà.

De dous grandes banquetes nos daon noticia o Evangeliſta S. Mattheos, & o Evangeliſta S. Lucas, & ſendo o banquete o meſmo na opiniaõ de muytos, & de meu Doutor Angelico, ſaon muy deſiguaes os creditos daquelles que os fizeraon; porque o que refere S. Lucas, diz que o fizera hum homem ordinario: *Homo quidam fecit cœnam magnam*; & o que refere S. Mattheos, diz que o fizera hum Principe magnifico: *Homini Regi, qui fecit nuptias.* O que ſuppoſto, pergunto: Por ventura neſtes banquetes, os manjares foraon de differentes qualidades? Naon, porque como ja diſſe, os guizados foraon os meſmos. Pois ſe foraon iguaes, & abundantes, como diz S. Lucas, que quem deu o primeyro, foy hum homem ordinario: *Homo quidam*? & o ſegundo diz S. Mattheos, que o deu hum Principe generoſo: *Homini Regi*? He o caſo, que o primeyro homem (& na condiçaon ſegundo) fez o banquete por obrigaçaon propria com que ſe achava; & o ſegundo (na qualidade primeyro) fez o banquete, & a deſpeza por reſpeyto de outro; porque o fez por amor de hum filho: *Fecit nuptias filio ſuo*; & fazer deſpezas por empenho proprio, iſſo acha-ſe em qualquer homem ordinario: *Homo quidam*; porèm gaſtar, & diſpender pelo deſempenho alheyo, iſſo ſò o faz quem he Principe, quem tem animo generòſo: *Homini Regi, qui fecit nuptias filio ſuo.* Naõ applico o lugar, porque naõ neceſsita de applicaçaon. Concluo ſò com dizer, que o feſtejo naõ ſo fica com creditos grandes, ſenaõ tambem com grandes intereſſes; porque ſe à veneranda Madre lhe prometteo a elle, que vendo ſe diante de Deos, lhe naõ havia de faltar

com

com a intercessaon mais empenhada, agora o fará melhor, vendo desempenhada a sua promessa, & he de razaon, que a quem lhe deu taon primorosa satisfaçaon na terra, de tambem satisfação a palavra Leonor do Sacramento la na gloria: *Quam mihi, & vobis, &c,*

LAUS DEO.

Beatissimæ Virgini, Dulcissimo Sponso, Angelicoque Magistro.